

* Bispo da Diocese de Caçador/SC. Graduado em Filosofia pela Faculdade Nossa Senhora Imaculada Conceição, em Viamão (FAFIMC) e em Teologia pelo Instituto de Teologia e Pastoral (Itepa), em Passo Fundo. Pós-graduado em Psicopedagogia pela Faculdade Nossa Senhora Imaculada Conceição. Mestrado em História da Igreja pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.

<https://orcid.org/0000-0002-5514-8569>



** Diácono da Diocese de Erechim. Acadêmico do 8º Semestre do Curso de Bacharelado em Teologia pela Itepa Faculdades. Formado em Filosofia pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier (Ifibe).

E-mail: leonardo.favero@live.com

<https://orcid.org/0000-0001-7084-8590>



Recebido em 15/07/21

Aprovado em 22/09/21

FUNDAMENTOS PARA UMA ESPIRITUALIDADE SACERDOTAL À LUZ DO MAGISTÉRIO RECENTE DA IGREJA

FOUNDATIONS FOR A PRIESTLY SPIRITUALITY IN THE LIGHT OF THE CHURCH'S RECENT MAGISTRY

*Dom Cleocir Bonetti**

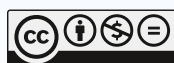
*Leonardo Fávero***

Resumo: Este artigo intitulado de Fundamentos para uma espiritualidade sacerdotal à luz do Magistério recente da Igreja tem por objetivo investigar alguns dos principais documentos do Magistério pós Concílio Vaticano II a respeito da espiritualidade sacerdotal, juntamente com algumas manifestações dos Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco. O texto, portanto, se divide em três partes: inicialmente, dá um enfoque à vida de oração essencial do presbítero; em seguida, direciona a reflexão ao exercício da caridade, da pregação e da celebração dos sacramentos; para finalmente, fundamentar o valor da obediência e do espírito sacerdotal de pobreza como um estilo de vida sacerdotal/presbiteral.

Palavras-chave: Espiritualidade sacerdotal. Presbíteros. Magistério. Papa Francisco. Oração.

Abstract: This article, entitled Fundamentals for a priestly spirituality in the light of the recent Magisterium of the Church, wants to investigate some of the main documents of the Magisterium after the Second Vatican Council on priestly spirituality, along with some manifestations of the Popes John Paul II, Benedict XVI and Francisco. The text, therefore, is divided into three parts: initially, it focuses on the essential prayer life of the priest; then, it directs the reflection to the exercise of charity, preaching and the celebration of the sacraments; to finally ground the value of obedience and the priestly spirit of poverty as a priestly lifestyle.

Keywords: Priestly Spirituality. Priests. Magisterium. Pope Francis. Prayer.



1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O magistério da Igreja diz muito sobre a espiritualidade sacerdotal. E o faz sobretudo com o *Decreto Presbyterorum Ordinis sobre o ministério e a vida dos sacerdotes* do Concílio Vaticano II; com o *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros* da Congregação para o Clero e com a *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* do Papa Francisco; além de algumas homilias, mensagens e discursos dos Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco. Importa conhecermos o que o magistério nos pede atualmente, especialmente com relação aos presbíteros, que em nosso contexto recebem a missão de zelar, em colaboração com os bispos, pelo povo de Deus com cuidados de pastor (cf. Is 40,11) a exemplo do Bom Pastor (Jo 10,14), Jesus Cristo.

O magistério recente insiste que a espiritualidade do sacerdote consiste na profunda relação de amizade com Cristo. Por isso, no século XXI, a Igreja reconhece que

Cada sacerdote age num contexto histórico particular, com os seus vários desafios e exigências. Exatamente por isto, a garantia de fecundidade do ministério radica numa profunda vida interior. Se o sacerdote não conta com o primado da graça, não poderá responder aos desafios dos tempos, e cada plano pastoral, por mais elaborado que possa ser, estaria destinado à falência¹.

Assim como no passado, a Igreja soube interpretar os sinais do seu tempo e atuou quase que em todos os setores da sociedade daquela época. Ela hoje está atenta a tudo aquilo que envolve o ser humano em suas diversas dimensões. Por isso, solenemente declara na *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*: “[...] as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS 1). Isso significa que nada do que é humano é estranho à Igreja².

Dentre os discípulos de Cristo, os sacerdotes se revestem de uma particular relevância³ e ocupam na Igreja uma função especial, “[...] como participantes da missão dos apóstolos, servidores do Evangelho, é dada por Deus a graça de serem ministros de Cristo Jesus junto a todos os povos, para que o culto prestado a Deus por todos seja aceito e santificado pelo Espírito Santo” (PO 2). E para dar cumprimento a essa missão, lhes “[...] são muito importantes as virtudes a que se dá, com razão, muito valor, como a bondade do coração, a sinceridade, a força de ânimo e a constância, o senso de justiça, a afabilidade no trato”⁴ e a busca da “[...] sempre maior santidade, com os meios recomendados pela Igreja, a fim de se tornarem instrumentos cada dia mais aptos ao serviço de todo o povo de Deus”⁵.

Assim, a Igreja reconhece que os sacerdotes,

[...] estão hoje empenhados nos diversos campos de apostolado que requerem generosidade e dedicação completa, preparação intelectual e, sobretudo, uma vida espiritual amadurecida e profunda, enraizada na caridade pastoral, que é a sua via específica para a santidade e que constitui também um autêntico serviço aos fiéis no ministério pastoral.⁶

Por isso, buscaremos compreender os fundamentos da espiritualidade sacerdotal em três aspectos: na vida de oração; no exercício da caridade, da pregação e da celebração dos sacramentos; e na obediência e no espírito sacerdotal de pobreza.

11 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.89.

2 PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da doutrina social da igreja*, n.455.

3 Cf. FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco para do 53º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*.

4 FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco para do 53º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*, n.3.

5 FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco para do 53º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*, n.12.

6 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.90-91.

2 UMA VIDA DE ORAÇÃO

A Igreja está atenta às tensões hodiernas que fazem aumentar o risco do exercício do ministério se tornar menos eficaz. Por isso, os Padres Conciliares reconheceram que,

No mundo de hoje há tanta coisa a fazer e tantos são os problemas a resolver com rapidez, que ninguém pode se ocupar com tudo sem se atrapalhar. Os padres, no meio das múltiplas obrigações de ofício e tendo que atender a tantas coisas diferentes, tornam-se frequentemente ansiosos, com dificuldades para levar uma vida interior razoável, no meio de tão diversas atividades dentro de certa harmonia e unidade (PO 14).

Perante o desafio de harmonizar a sua vida interior com a sua ação exterior é preciso não deixar de reservar o primado da vida espiritual que se dá “[...] ao estar sempre com Cristo e ao viver com generosidade a caridade pastoral, intensificando a comunhão com todos”⁷.

Ao reconhecermos que foi na oração de Jesus ao Pai pelos seus apóstolos que o sacerdócio da Nova Aliança foi concebido (Cf. Jo 17,15-20), reconhecemos que toda a sua atividade quotidiana derivava da oração⁸ e o sacerdote é chamado, a exemplo de Jesus, a encontrar tempo para rezar. O diálogo pessoal com Cristo, “[...] é uma prioridade pastoral fundamental, é condição para o nosso trabalho para os outros! E a oração não é algo marginal: a ‘profissão’ do sacerdote é precisamente rezar, também como representante do povo que não sabe [...] ou não encontra tempo para fazê-lo”⁹, afirma o Papa Bento XVI. Então, precisamos ter sempre presente que “[...] o primeiro de todos os auxílios espirituais é a dupla mesa da Sagrada Escritura e da eucaristia” (PO 18), afinal, é justamente porque, quando “[...] guiados pela fé e alimentados pela leitura divina, os padres se tornam capazes de identificar os sinais da vontade de Deus e os impulsos da graça em todos os acontecimentos, tornando-se cada dia mais dóceis ao Espírito Santo, no cumprimento de sua missão” (PO 18).

É nessa perspectiva as exortações proferidas pelos bispos nas ordenações:

Por isso, fazendo da Palavra o objeto da tua contínua reflexão, crê sempre no que lês, ensina o que crês, realiza na vida o que ensinas. Deste modo, enquanto com a doutrina darás alimento ao Povo de Deus e com o bom testemunho da vida lhe servirás de conforto e sustento, tornar-te-ás construtor do templo de Deus, que é a Igreja”. [...] “Sê, portanto, consciente do que fazes, imita o que realizas e dado que celebras o mistério da morte e da ressurreição do Senhor, leva a morte de Cristo no teu corpo e caminha na novidade de vida”. E, enfim, em relação à guia pastoral do Povo de Deus para conduzi-lo até o Pai: “Por isso não deixes nunca de ter o olhar fixo em Cristo, bom Pastor, que veio, não para ser servido, mas para servir e para procurar e salvar os que estavam perdidos”¹⁰.

Sendo assim, sem fazer do estudo, da contemplação e do conhecimento da Escritura algo essencial na sua vida e no seu ministério, o presbítero verá seu ministério pastoral se tornar frágil, porque o alicerce que usou é a areia e não a rocha (Cf. Mt 7,21.24-27). Além disso, a Palavra de Deus assume na vida do presbítero um “carro-chefe”: ela é para ser crida, ensinada, vivida e testemunhada.

Ademais, o presbítero precisa ter a consciência de que, ao ser ministro de Cristo, ele associa a si, em sua carne, o mistério da morte e ressurreição do Senhor. Esse é o caminho

7 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.96.

8 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.103.

9 BENTO XVI, *Vigília por ocasião da conclusão do Ano Sacerdotal (10 de junho de 2010)*.

10 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.105.

para desenvolver a harmonia entre a vida interior e a vida exterior. Para o Papa Bento XVI, uma vez que, “[...] o sacerdócio se tornou algo de novo: já não é uma questão de descendência, mas um encontrar-se no mistério de Jesus”¹¹, é justamente nele, que o sacerdote deve integrar sua vida, em todas as dimensões, e alicerçar seu ministério. Desse modo, “[...] entramos numa comunhão existencial com Ele, que o seu e o nosso ser confluem, se compenetraram reciprocamente”¹².

Portanto, a Igreja insiste que,

Tal vida espiritual deve ser encarnada na existência de cada presbítero mediante a liturgia, a oração pessoal, o estilo de vida e a prática das virtudes cristãs que contribuem para a fecundidade da ação ministerial. A própria conformação a Cristo exige que o sacerdote cultive um clima de amizade e de encontro pessoal com o Senhor Jesus, fazendo experiência de um encontro pessoal com ele, e de colocar-se a serviço da Igreja, seu Corpo, à qual o sacerdote demonstrará amar pelo cumprimento fiel e incansável dos deveres próprios do seu ministério pastoral¹³.

Desse modo, a fim de cultivar a vida espiritual, nunca deve faltar ao presbítero: a celebração eucarística cotidiana¹⁴ centro da vida espiritual, fonte e alimento do ministério pastoral¹⁵; a reconciliação frequente¹⁶, que favorece uma contínua conversão do coração ao projeto de Jesus; a direção espiritual¹⁷ para discernir a vontade de Deus; a recitação da liturgia das horas¹⁸, o exame de consciência¹⁹, a *lectio divina*²⁰, os retiros espirituais²¹, a devoção mariana²², aspecto particularmente significativo para o crescimento espiritual e ministerial de todo cristão; a vida austera, pois o ministério ordenado exige renúncias e sacrifícios que somente uma sã e equilibrada pedagogia ascética pode favorecer²³; e outros meios que possam fazê-lo crescer espiritualmente, vocacionalmente, ministerialmente.

Quanto aos sacramentos da Eucaristia e Reconciliação, abordaremos adiante. Mas, dentre esses outros modos de cultivar a espiritualidade, destacamos a *lectio divina*, que “[...] consiste em permanecer prolongadamente sobre um texto bíblico, lendo-o e relendo-o, quase ‘ruminando-o’, como dizem os Padres, e espremendo, por assim dizer, todo o seu ‘sumo’, para que alimente como linfa a vida concreta”²⁴.

O Papa Francisco sintetiza com maestria o método da *lectio divina* e nos mostra sua finalidade e seus frutos. Para ele,

11 BENTO XVI, *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (13 de abril de 2006)*.

12 BENTO XVI, *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (05 de abril de 2007)*.

13 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.98-99.

14 Cf. PO, 5; 18; PDV, 23; 26,38,46,48; CDC, cân.246,1; 276,2,2º.

15 Na *Mensagem do Papa João Paulo II para o 37º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*, no ano de 2000, o Papa João Paulo II afirmou que “[...] a Eucaristia constitui o momento culminante no qual Jesus, no seu Corpo doado e no seu Sangue derramado pela nossa salvação, desvela o mistério da sua identidade e indica o sentido da vocação de toda pessoa de fé”, que consiste no “fazer-se dom para os outros”, à exemplo do que fez Jesus ao doar seu Corpo e Sangue; e nisso cita Santo Agostinho: “Sede aquilo que recebeis e recebei aquilo que sois” (*Discurso 271 1: Nella Pentecoste*) indicando que o “fiel que se nutre daquele Corpo entregue e daquele Sangue derramado recebe a força de transformar-se também em dom”.

16 Cf. PO, 5;18; CDC, cân. 246, 4; 276,2,5º; PDV, 26; 48.

17 Cf. PO, 18; CDC, cân. 239; PDV, n.40; 50; 81.

18 Cf. PO, 18; CDC, cân. 246, 2; 276,2,3º; PDV, 26; 72; CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, *Respostas Celebratio integra* acerca de algumas questões sobre a obrigatoriedade da recitação da Liturgia das Horas (15 de novembro de 2000).

19 Cf. PO, 18; PDV, n.26; 47; 51; 53; 72.

20 Cf. PO, 4; 13; 18; PDV, 26; 47; 53; 70; 72.

21 Cf. PO, 18; PDV, 80.

22 Cf. PO, 18; PDV, 36; 38; 45; 82.

23 Cf. JOÃO PAULO II, *Mensagem do Papa João Paulo II para o 27º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*.

24 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.121.

Há uma modalidade concreta para escutarmos aquilo que o Senhor nos quer dizer na sua Palavra e nos deixarmos transformar pelo Espírito: designamo-la por “*lectio divina*”. Consiste na leitura da Palavra de Deus num tempo de oração, para lhe permitir que nos ilumine e renove. Esta leitura orante da Bíblia não está separada do estudo que o pregador realiza para individuar a mensagem central do texto; antes, pelo contrário, é dela que deve partir para procurar descobrir aquilo que essa mesma mensagem tem a dizer à sua própria vida. A leitura espiritual de um texto deve partir do seu sentido literal. Caso contrário, uma pessoa facilmente fará o texto dizer o que lhe convém, o que serve para confirmar suas próprias decisões, o que se adapta aos seus próprios esquemas mentais. E isto seria, em última análise, usar o sagrado para proveito próprio e passar esta confusão para o povo de Deus (EG 152).

Desse modo, no contato com a Palavra de Deus, o Espírito penetra no coração do presbítero. Ao se tornar íntimo da Palavra, o presbítero descobrirá o que ela lhe diz, primeiro, pela literalidade, depois pelo estudo exegético. O presbítero deve resistir à tentação de adaptar a Escritura aos seus interesses, mas sim mergulhar no mistério de Deus que se revela mediante o texto bíblico. Assim, em espírito de contemplação, o presbítero encontrará alimento na Palavra e a anunciará ao povo de Deus, cujo cuidado lhe é confiado.

Outro modo de cultivar a espiritualidade é a recitação da liturgia das horas. O Concílio Vaticano II afirma que aqueles “[...] que rezam assim, cumprem, por um lado, a obrigação própria da Igreja, e, por outro, participam da imensa honra da Esposa de Cristo, porque estão em nome da Igreja diante do trono de Deus, a louvar o Senhor” (SC 85). Ela é a “[...] oração que Cristo, unido aos seu Corpo, eleva ao Pai” (SC 84) e por isso, é uma “obrigação de amor”²⁵.

Assim sendo, para ser fonte de espiritualidade, ao rezar a liturgia das horas,

[...] é necessário interiorizar a Palavra divina, estar atentos ao que o Senhor “me” diz nesta Palavra, escutar o comentário dos Padres da Igreja ou também do Concílio Ecumênico Vaticano II, aprofundar na vida dos Santos e também no discurso dos Papas, na segunda Leitura do Ofício das Leituras, e rezar com esta grande invocação que são os Salmos, com os quais somos inseridos na oração da Igreja²⁶.

Há uma riqueza espiritual neste ofício, que fornece, inclusive, um método de oração herdado dos mosteiros. Ao entrar no profundo mistério da oração, recordando as ordens monásticas, Bento XVI afirmava que,

Os pensamentos não devem vaguear aqui e ali por detrás das preocupações e das expectativas da vida quotidiana; os sentidos não devem ser atraídos pelo que ali, no interior da Igreja, casualmente os olhos e os ouvidos gostariam de captar. O meu coração deve abrir-se docilmente à palavra de Deus e estar recolhido na oração da Igreja, para que o meu pensamento receba a sua orientação das palavras do anúncio e da oração. E o olhar do meu coração deve estar dirigido para o Senhor que está no meio de nós: eis o que significa *ars celebrandi* o justo modo de celebrar. Se eu estou com o Senhor, então com o meu ouvir, falar e agir atraio também o povo dentro da comunhão com Ele²⁷.

Assim, ao trazer para a centralidade do encontro com o Senhor na oração as dificuldades e os acontecimentos cotidianos, o sacerdote não as exclui nem as combate, mas as integra e oferece ao Pai. O cotidiano é confrontado e iluminado pela Palavra no silêncio da oração do sacerdote que “[...] deve ser alguém que vigia. Deve estar alerta diante dos poderes

25 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.150.

26 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.151.

27 BENTO XVI, *Homília do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (05 de abril de 2007)*.

ameaçadores do mal. Deve manter o mundo desperto para Deus. Deve ser alguém que está em pé: firme diante das correntes do tempo. Firme na verdade. Firme no compromisso do bem”²⁸.

Ligado à vigilância está a escuta do povo. Para o Papa Francisco,

O pregador deve também pôr-se à escuta do povo, para descobrir aquilo que os fiéis precisam ouvir. Um pregador é um contemplativo da Palavra e também um contemplativo do povo. Dessa forma descobre “as aspirações, as riquezas e as limitações, as maneiras de orar, de amar, de encarar a vida e o mundo, que caracterizam este ou aquele aglomerado humano”, prestando atenção “ao povo concreto com os seus sinais e símbolos e respondendo aos problemas que apresenta” (EG 154).

Desse modo, através da oração constante, o presbítero encontra maneiras de discernir como relativizar as adversidades e temer os sucessos. O modo de fazer isso é olhando para a prática de Jesus, como anteriormente afirmamos, mas isso é realizado com e na oração. Isso pode ser intuído na oração do salmista: nossos olhos estão fitos no Senhor (Cf. Sl 122(123), 2). Ter os olhos fixos no Senhor significa contemplar com toda a existência a pessoa e a prática do Filho. Fazendo isso, ele terá condições de enfrentar as adversidades e não se deixar desviar pelos sucessos, permanecendo firme no caminho da missão assumida. Na prática, trata-se da “[...] sensibilidade espiritual para saber ler nos acontecimentos a mensagem de Deus, e isto é muito mais do que encontrar algo interessante para dizer. Procura-se descobrir o que o Senhor tem a dizer nessas circunstâncias” (EG 154).

Portanto, a firmeza do sacerdote não é para si, mas para o rebanho, para o Povo fiel de Deus que lhe é confiado. Nesse sentido, afirma o Papa Francisco,

As pessoas agradecem-nos porque sentem que rezámos a partir das realidades da sua vida de todos os dias, as suas penas e alegrias, as suas angústias e esperanças. E, quando sentem que, através de nós, lhes chega o perfume do Ungido, de Cristo, animam-se a confiar-nos tudo o que elas querem que chegue ao Senhor: “Reze por mim, padre, porque tenho este problema”, “abençoe-me, padre”, “reze para mim”... Estas confidências são o sinal de que a unção chegou à orla do manto, porque é transformada em súplica – súplica do Povo de Deus²⁹.

E ao tomar consciência disso, o sacerdote encontra sua profunda identidade de ser ministro de Cristo, chamado a estar próximo D’Ele e do povo de Deus. Então, outra vez ecoa com sabedoria o discurso do Papa São João Paulo II pelo 30º aniversário do *Decreto Presbyterorum Ordinis*:

A identidade sacerdotal é uma questão de fidelidade a Cristo e ao povo de Deus, ao qual somos mandados. A consciência sacerdotal não se limita a algo de pessoal. É uma realidade continuamente examinada e sentida pelos homens, porque o sacerdote é “tomado” dentre os homens e estabelecido para intervir nas suas relações com Deus. [...] Assim como o sacerdote é um mediador entre Deus e os homens, muitas pessoas se dirigem a ele pedindo as suas orações. A oração, num certo sentido, “cria” o sacerdote, especialmente como pastor. Ao mesmo tempo, cada sacerdote “cria-se a si mesmo” graças à oração³⁰.

Por isso, entendemos que a Igreja, sabiamente, insiste na identidade sacerdotal dos presbíteros, para que tenham uma consciente e constante vida de oração. Consciente porque ela é despertada pelos condicionamentos da realidade histórica que exigem do presbítero uma resposta evangélica discernida à luz da Palavra e do Espírito. Constante

28 BENTO XVI, *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (20 de março de 2008)*.

29 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (28 de março de 2013)*.

30 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.153.

porque sempre mais o presbítero é chamado para estar em comunhão com o Senhor, a ser íntimo d'Ele através do encontro com Cristo na oração pessoal e comunitária. Para tanto mais ser fiel à *persona christi*, tanto mais deve, através da oração, se deixar preencher pelo seu Espírito que lhe foi confiado com a unção.

Entretanto, o Papa Francisco reconhece que existe ainda hoje,

[...] uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade. Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização. Assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores – não obstante rezem – uma acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor. São três males que se alimentam entre si” (EG 78).

O individualismo, a crise de identidade e o declínio do fervor, sobretudo missionário, são riscos frequentes que os presbíteros estão sujeitos. Se eles não forem enfrentados e discernidos à luz da Palavra, os presbíteros acabam por desenvolver um complexo de inferioridade e já “[...] não se sentem felizes com o que são nem com o que fazem, não se sentem identificados com a missão evangelizadora. Acabam por sufocar a alegria da missão numa espécie de obsessão por serem como todos os outros e terem o que possuem os demais” (EG 79). Essa situação os leva a perder sua identidade presbiteral e cristã e, ademais, “[...] a tarefa da evangelização torna-se forçada e dedica-se-lhe pouco esforço e um tempo muito limitado” (EG 79).

O Papa Francisco faz diversos alertas, dentre eles, quanto à acédia egoísta e paralisadora (EG 8), camuflada de uma tristeza adocicada³¹; à tristeza sem esperança (EG 83); ao pessimismo estéril e sufocante (EG 85); e à desertificação espiritual (EG 86). Tudo isso é confrontado com uma relação pessoal e comprometida com Deus, que ao mesmo tempo nos comprometa com os outros. Afinal, afirma:

Nisto está a verdadeira cura: de fato, o modo de nos relacionarmos com os outros que, em vez de nos adoecer, nos cura é uma fraternidade mística, contemplativa, que sabe ver a grandeza sagrada do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe tolerar as moléstias da convivência agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para procurar a felicidade dos outros como a procura o seu Pai bom (EG 92).

O percurso que o Papa Francisco sugere como via de solução destes riscos e tentações é a fraternidade. Ela é “[...] a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida” (FT 215), com todos, também com as periferias do mundo porque “[...] de todos se pode aprender alguma coisa: ninguém é inútil, ninguém é supérfluo” (FT 215). Além disso, propõe que se dê “[...] à nossa capacidade de amar uma dimensão universal” (FT 83) que favoreça a cultura do encontro (FT 30), uma Igreja em saída (EG 24) e a conversão pastoral (EG 25).

Por isso, “[...] o compromisso missionário não é algo que vem acrescentar-se à vida cristã como se fosse um ornamento, mas, pelo contrário, situa-se no âmago da própria fé: a relação com o Senhor, implica ser enviados ao mundo como profetas da sua palavra e testemunhas do seu amor”³². Desse modo, afirma o Papa Francisco,

31 FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco para o 57ª Dia Mundial de Oração pelas Vocações*.

32 FRANCISCO, *Mensagem do Papa Francisco para o 54ª Dia Mundial de Oração pelas Vocações*.

É impressionante como até aqueles que aparentemente dispõem de sólidas convicções doutrinárias e espirituais acabam, muitas vezes, por cair num estilo de vida que os leva a agarrarem-se a seguranças econômicas ou a espaços de poder e de glória humana que se buscam por qualquer meio, em vez de dar a vida pelos outros na missão. Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário! (EG 80).

Por isso, apesar de todas as dificuldades a serem enfrentadas, algumas assumidas e outras carregadas, o estilo de vida do presbítero é semelhante ao de São José. O seu silêncio, em comparação ao silêncio orante do presbítero

[...] não manifesta um vazio interior, mas, ao contrário, a plenitude de fé que ele traz no coração, e que orienta todos os seus pensamentos e todas as suas ações. Um silêncio que, como o do santo Patriarca, conserva a Palavra de Deus, conhecida através das Sagradas Escrituras, comparando-a continuamente com os acontecimentos da vida de Jesus; um silêncio impregnado de oração constante, de oração de bênção do Senhor, de adoração da sua santa vontade e de confiança sem reservas na sua providência³³.

Portanto, no silêncio do coração, na aparente solidão, o presbítero estabelece a comunhão com o Senhor. Ao lado d'Ele, encontrará a força e os meios para reaproximar as pessoas a Deus, para acender a chama da fé, para suscitar o compromisso da vivência da fé e a partilha em favor do bem comum. E essa sensibilidade espiritual cultivada na oração se manifesta pastoralmente no exercício da caridade, na pregação da Palavra e na celebração dos sacramentos.

3 O EXERCÍCIO DA CARIDADE, DA PREGAÇÃO E DA CELEBRAÇÃO DOS SACRAMENTOS

A harmonia de vida do ministério pastoral, sem ser alheia à espiritualidade, mas com as suas atividades cotidianas, sejam ordinárias ou extraordinárias, expressam “[...] a caridade pastoral, intimamente conexa à Eucaristia, que constitui o princípio interior e dinâmico capaz de unificar as múltiplas e diversas atividades pastorais do presbítero e conduzir os homens à vida da Graça”³⁴. Assim sendo, toda e qualquer atividade, realizada com um espírito de doação de si, “[...] deve ser uma manifestação da caridade de Cristo, da qual o presbítero saberá exprimir atitudes e comportamentos, até a doação total de si em benefício do rebanho que lhe foi confiado”³⁵.

Isso porque, o presbítero é configurado a Jesus Cristo que é a Cabeça da Igreja. Segundo o Papa João Paulo II,

É "Cabeça" no sentido novo e original de ser "servo", segundo as suas próprias palavras: "O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a própria vida em resgate por todos" (Mc 10,45). O serviço de Jesus atinge a plenitude com a morte na cruz, ou seja, com o dom total de si mesmo, na humildade e no amor: "Despojou-se a si próprio, assumindo a condição de servo e tornando-se igual aos homens; aparecendo em forma humana, humilhou-se a si mesmo fazendo-se obediente até à morte e morte de cruz" (Fil 2,7-8). A autoridade de Jesus Cristo Cabeça coincide, portanto, com o seu serviço, o seu dom, a sua entrega total, humilde e amorosa pela Igreja. E tudo isto em perfeita obediência ao Pai: Ele é o único verdadeiro servo sofredor, conjuntamente Sacerdote e Vítima (PDV 21).

Ao fazer-se, a exemplo de Cristo o, sacerdote e vítima, com o exercício do seu ministério, o presbítero deverá ser próximo dos sofredores, dos pequenos, daqueles em dificuldades, dos marginalizados e, sobretudo, dos pobres e dos doentes, e todos aqueles que

33 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.104.

34 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.106.

35 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.107.

muitas vezes são desprezados e esquecidos. Afinal, como afirma o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, “[...] hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres” (EG 48).

Por isso, “[...] para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. [...] Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos.” (EG 198). Sem a compreensão teológica dessa opção, o significado profundo da caridade pastoral corre o risco de ser esvaziado pela lógica do “funcionalismo”. E, nessa perspectiva, o sacerdócio acaba reduzido apenas aos seus aspectos funcionais, de modo que “[...] ser padre consistiria em realizar alguns serviços e garantir algumas prestações de trabalho”³⁶. Essa mentalidade faz do sacerdócio não mais uma vocação à qual o homem respondeu com seu “sim”, e se torna uma “profissão eclesial” como qualquer outra. A Igreja não é mais uma expressão do mistério do amor de Deus, o sinal e instrumento da união com Deus e da unidade de todo o gênero humano como proclamou o Concílio Vaticano II. Mas uma empresa meramente humana, frequentemente submissa à economia, que sustenta um profissional do sagrado, ou então, submissa à política. Como afirma o Papa Francisco, “[...] é verdade que os ministros da religião não devem fazer política partidária, própria dos leigos, mas mesmo eles não podem renunciar à dimensão política da existência que implica uma atenção constante ao bem comum e a preocupação pelo desenvolvimento humano integral” (FT 276).

Um alerta nos é dado pelo Papa Bento XVI quando afirma,

[...] enquanto sacerdotes de Jesus Cristo, fazemo-lo com zelo. As pessoas não devem jamais ter a sensação de que o nosso horário de trabalho cumprimos-lo conscienciosamente, mas antes e depois pertencemo-nos apenas a nós mesmos. Um sacerdote nunca se pertence a si mesmo. As pessoas devem notar o nosso zelo, através do qual testemunhamos de modo credível o Evangelho de Jesus Cristo³⁷.

Pelo próprio fato do anúncio e do testemunho do Evangelho perpassarem o todo do ministério, “[...] o serviço da caridade é uma dimensão constitutiva da missão da Igreja e expressão irrenunciável de sua própria essência. Assim como a Igreja é missionária por natureza, também brota inevitavelmente dessa natureza a caridade efetiva com o próximo” (EG 179). E, por isso, “[...] a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja” (EG 198).

Contudo, Francisco alerta que

Ao mesmo tempo, há que rejeitar a tentação de uma espiritualidade intimista e individualista, que dificilmente se coaduna com as exigências da caridade, com a lógica da encarnação. Há o risco de que alguns momentos de oração se tornem desculpa para evitar de dedicar a vida à missão, porque a privatização do estilo de vida pode levar os cristãos a refugiarem-se nalguma falsa espiritualidade (EG 262).

E o antídoto para essa tentação e esse risco, como aponta o Papa Francisco, é o testemunho dos primeiros cristãos e de tantos irmãos ao longo da história que se mantiveram “[...] transbordantes de alegria, cheios de coragem, incansáveis no anúncio e capazes de uma grande resistência ativa. [...] temos de reconhecer que o contexto do Império Romano não era favorável ao anúncio do Evangelho, nem à luta pela justiça, nem à defesa da dignidade humana” (EG 263).

36 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.108.

37 BENTO XVI, *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (05 de abril de 2012)*.

Em tudo isso, o presbítero é chamado a doar-se a si mesmo. O dom de si é, ao mesmo tempo, uma tarefa e uma resposta livre e responsável do sacerdote. Para o Papa João Paulo II,

O conteúdo essencial da caridade pastoral é o dom de si, o total dom de si mesmo à Igreja, à imagem e com o sentido de partilha do dom de Cristo. “A caridade pastoral é aquela virtude pela qual nós imitamos Cristo na entrega de si mesmo e no seu serviço. Não é apenas aquilo que fazemos, mas o dom de nós mesmos que manifesta o amor de Cristo pelo seu rebanho. A caridade pastoral determina o nosso modo de pensar e de agir, o modo de nos relacionarmos com as pessoas. E não deixa de ser particularmente exigente para nós” (PDV 23).

O zelo pastoral pelo anúncio do Evangelho pode levar muitos sacerdotes ao cansaço e à exaustão. Contudo, o Papa Francisco nos faz perceber que “[...] uma chave da fecundidade sacerdotal reside na forma como repousamos e como sentimos que o Senhor cuida do nosso cansaço”³⁸. Afinal,

Pode acontecer também que, ao sentir o peso do trabalho pastoral, nos venha a tentação de descansarmos de um modo qualquer, como se o repouso não fosse uma coisa de Deus. Não caíamos nesta tentação! A nossa fadiga é preciosa aos olhos de Jesus, que nos acolhe e faz levantar o ânimo: “Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos” (Mt 11,28). Se uma pessoa sabe que, morta de cansaço, pode prostrar-se em adoração e dizer: “Senhor, por hoje basta!”, rendendo-se ao Pai, sabe também que, ao fazê-lo, não cai, mas renova-se, pois o Senhor que ungiu com o óleo da alegria o povo fiel de Deus, também a unge a ela: “Muda a sua cinza em coroa, o seu semblante triste em perfume de festa e o seu abatimento em cantos de festa” (cf. Is 61,3)³⁹.

Desse modo, o Papa Francisco nos faz perceber que o cansaço pastoral, fruto de dedicação ao povo de Deus, do consumir-se em favor do rebanho, é um cansaço santo, um cansaço que se torna uma fonte de espiritualidade, de novidade e “[...] uma graça que está ao alcance de todos nós, sacerdotes”⁴⁰. E, ademais, “[...] o povo fiel não nos deixa sem atividade direta, a não ser que alguém se esconda num escritório ou passe pela cidade com vidros escuros. E este cansaço é bom, é um cansaço saudável. É o cansaço do sacerdote com o cheiro de ovelhas”⁴¹.

Contudo, é preciso estar alerta que nem todo cansaço é assim. Há aquele que podemos chamar de o cansaço dos inimigos: “[...] o diabo e os seus sectários não dormem. [...] Aqui o cansaço de enfrentá-los é mais árduo. Não se trata apenas de fazer o bem, com toda a fadiga que isso implica, mas é preciso também defender o rebanho e defender-se a si mesmo do mal”⁴². E, além desse, há o cansaço de nós próprios, que, segundo Francisco, “[...] este cansaço é o mais autorreferencial: é a desilusão com nós mesmos. [...] Trata-se do cansaço que resulta do ‘querer e não querer’, [...] de jogar com a ilusão de sermos outra coisa qualquer”⁴³. Nesse sentido, o cansaço pastoral deve também ser discernido na oração e assumido como uma graça que o Senhor concede ao seu ministro com cheiro de ovelha, anunciador do Evangelho.

Portanto, nesse conjunto de atividades que fazem parte da missão presbiteral, o Papa João Paulo II afirma que a caridade pastoral,

38 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (02 de abril de 2015)*.

39 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (02 de abril de 2015)*.

40 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (02 de abril de 2015)*.

41 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (02 de abril de 2015)*.

42 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (02 de abril de 2015)*.

43 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (02 de abril de 2015)*.

[...] constitui o princípio interior e dinâmico capaz de unificar as múltiplas e diferentes atividades do sacerdote. Graças a ela, pode encontrar resposta a exigência permanente e essencial de unidade entre a vida interior e tantas atividades e responsabilidades do ministério, exigência sempre mais urgente num contexto sociocultural e eclesial fortemente assinalado pela complexidade, desagregação e dispersão. Somente a concentração de cada instante e de cada gesto à volta da opção fundamental e qualificante de “dar a vida pelo rebanho” pode garantir esta unidade vital, indispensável para a harmonia e para o equilíbrio espiritual do sacerdote: “A unidade de vida - recorda o Concílio - pode ser conseguida pelos presbíteros seguindo, no desempenho do próprio ministério, o exemplo de Cristo Senhor, cujo alimento era o cumprimento da vontade d'Aquele que o tinha enviado a realizar a sua obra (...) Assim, representando o Bom Pastor, no mesmo exercício pastoral da caridade, encontrarão o vínculo da perfeição sacerdotal que tornará efetiva a unidade entre a sua vida e atividade” (PDV 23).

A atividade pastoral do ministro de Cristo implica na pregação, e esta exige fidelidade à Palavra. Uma vez que, “Cristo confiou aos Apóstolos e à Igreja a missão de pregar a Boa Nova a todos os homens, transmitir a fé é preparar um povo para o Senhor, revelar, anunciar e aprofundar a vocação cristã; isto é, a chamada que Deus dirige a cada homem”⁴⁴.

O caráter missionário da transmissão da fé e a exigência de autenticidade e de conformidade com a fé da Igreja se fazem indispensáveis. Afinal, o Magistério compreende que o “[...] ministério da palavra não pode ser abstrato ou distante da vida das pessoas; ao contrário, ele deve referir-se diretamente ao sentido da vida do homem, de cada homem, e, portanto, deverá entrar nas questões mais vivas que se colocam à consciência humana”⁴⁵. Esse cuidado com os destinatários do Evangelho e com a fidelidade à Palavra é sinal do caráter missionário da pregação, que rompe as fronteiras geográficas e existenciais ou condicionantes, de modo que, para cada pessoa humana, há uma palavra de vida nova e eterna. E, inclusive, “[...] deve ser feito com sentido de extrema responsabilidade, consciente de que se trata de uma questão de máxima importância, enquanto está em jogo a vida do homem e o sentido da sua existência”⁴⁶.

Sendo assim, hoje, “[...] o presbítero deve dar o primado ao testemunho de vida, que faz descobrir a potência do amor de Deus e torna persuasiva a sua palavra”⁴⁷. Isso significa que não “[...] descuidará da pregação explícita do mistério de Cristo aos crentes, aos não crentes e aos não crentes; da catequese, que é a exposição ordenada e orgânica da doutrina da Igreja; e da aplicação da verdade revelada à solução dos casos concretos”⁴⁸. Isso porque “[...] a fé depende da pregação e a pregação, por sua vez, se atua pela Palavra de Cristo” (Rm 10,17), o que exige que os presbíteros sejam “[...] não só as testemunhas, mas também os anunciadores e transmissores da fé”⁴⁹.

Por isso, o Papa Bento XVI afirma que,

Consequentemente, as suas palavras, as suas opções e atitudes devem ser cada vez mais uma transparência, um anúncio e um testemunho do Evangelho; só ‘permanecendo’ na Palavra, é que o presbítero se tornará perfeito discípulo do Senhor, conhecerá a verdade e será realmente livre (VD 102).

Ou seja, a pregação não pode ser reduzida à mera comunicação de ideias e pensamentos próprios ou manifestações de experiências pessoais, nem às explicações

44 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.119.

45 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.120.

46 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.120.

47 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.120.

48 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.20-121.

49 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.122.

simplicistas de acento psicológico, sociológico, filantrópico ou ideológico. Por isso, o *Diretório* afirma que para ser “eficaz e credível, é importante que o presbítero [...] conheça, com um sentido crítico construtivo, as ideologias, a linguagem, os laços culturais, as tipologias difundidas pelos meios de comunicação e que, em grande parte, condicionam as mentalidades”⁵⁰. E, além disso, o presbítero deve evitar a excessiva retórica, típica da comunicação de massa. Desse modo, é indispensável ao presbítero a consciência da missão própria do anunciador do Evangelho, como instrumento de Cristo e do Espírito, que pastoralmente ele desenvolve e concretiza seu ministério.

O anúncio da Boa-Nova está intimamente ligado, na pastoral cotidiana, à catequese. Por isso, “[...] é importante que ele [o presbítero] saiba integrar tal atividade num projeto orgânico de evangelização, garantindo, antes de tudo, a comunhão da catequese da própria comunidade com a pessoa do Bispo, com a Igreja particular e com a Igreja universal”⁵¹. Desse modo, “[...] o sacerdote deverá ser o catequista dos catequistas, formando com eles uma verdadeira comunidade de discípulos do Senhor, que sirva como ponto de referência para os catequizandos”⁵².

Se o serviço da Palavra é o elemento fundamental do ministério presbiteral, o seu coração é, sem dúvida, a Eucaristia, que é, sobretudo, a presença real, no tempo, do único e eterno sacrifício de Cristo. Ela “[...] é princípio, meio e fim do ministério sacerdotal”⁵³.

Jesus, afirma o Papa Francisco, “[...] nos deixa a Eucaristia como memória cotidiana da Igreja, que nos introduz cada vez mais na Páscoa (cf. Lc 22,19). A alegria evangelizadora refulge sempre no horizonte da memória agradecida” (EG 13). E, justamente por isso, ela, “[...] embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos” (EG 47). E isso implica radicalmente na ação pastoral do presbítero, porque não é controlador da graça, mas facilitador para o seu acesso.

Apresentamos aqui o apelo do Papa Francisco aos sacerdotes e leigos de Buenos Aires: “[...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG 49). O caminho é a missão, vivida com compaixão, com amor e misericórdia. E não uma vida fechada e focada nos bens, nas seguranças das estruturas do mundo.

O Concílio Vaticano II afirma que, há uma profunda e íntima “[...] conexão entre a centralidade da Eucaristia, a caridade pastoral e a unidade de vida do presbítero”⁵⁴. Por isso, justamente pelo fato do mistério do sacerdócio o vincular mais propriamente ao Verbo encarnado, “[...] o presbítero empresta a Cristo, Sumo e Eterno Sacerdote, a inteligência, a vontade, a voz e as mãos para, mediante o seu ministério, poder oferecer ao Pai o sacrifício sacramental da redenção, deverá fazer próprias as disposições do Mestre e viver, como Ele, sendo *dom*, para os seus irmãos”⁵⁵. E mais, é seu dever e obrigação “[...] aprender a unir-se intimamente à oferta, colocando sobre o altar do sacrifício toda a sua vida como sinal manifestativo do amor gratuito proveniente de Deus”⁵⁶.

E, ainda que “[...] o sacerdócio reservado aos homens, como sinal de Cristo Esposo que Se entrega na Eucaristia, é uma questão que não se põe em discussão, mas pode tornar-

50 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.124.

51 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.127.

52 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.128.

53 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.130.

54 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.130.

55 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.131.

56 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.131.

se particularmente controversa se se identifica demasiado a potestade sacramental com o poder” (EG 104). De modo que “[...] a configuração do sacerdote com Cristo Cabeça – isto é, com a fonte principal da graça – não comporta uma exaltação que o coloque por cima dos demais” (EG 104).

Por isso, o mistério da unidade entre Eucaristia e ministério sacerdotal é tão estreito e forte que a celebração eucarística tem um valor insubstituível na vida do presbítero. Ela é “fonte e ápice” (Cf. LG 11; SC 10; PO 18) de toda ação litúrgica e, mesmo que a liturgia não seja sua única atividade (SC 9), ela deve ser celebrada cotidianamente, como antes afirmamos. Inclusive, e esse é um ponto de tensão especialmente no contexto da pandemia do coronavírus, que a orientação para celebração cotidiana é tão forte que ela supera o impedimento de o presbítero celebrar mesmo sem a presença de algum fiel⁵⁷.

A celebração eucarística deve ser vivida como momento central do dia e do ministério cotidiano, “[...] fruto dum desejo sincero e ocasião de encontro profundo e eficaz com Cristo. Na Eucaristia, o sacerdote aprende a doar-se a cada dia, não apenas nos momentos de grande dificuldade, mas também nas pequenas contrariedades diárias”⁵⁸, sem se descuidar de que ela “[...] é, antes de tudo, celebrada para a glória de Deus e em ação de graças pela salvação da humanidade”⁵⁹.

Segundo o Papa Francisco,

O encontro com Jesus na Escritura conduz-nos à Eucaristia, onde a própria Palavra atinge a sua eficácia máxima, porque é a presença real d’Aquele que é a Palavra viva. Ali, o único Absoluto recebe a maior adoração que pode ser dada a ele neste mundo, porque é o próprio Cristo quem se oferece. E quando o recebemos em comunhão, renovamos a nossa aliança com ele e lhe permitimos realizar cada vez mais a sua ação transformadora (GeE 157).

O presbítero é chamado a desenvolver uma profunda espiritualidade eucarística, capaz de torná-lo consciente de que, através da sua ação litúrgica-sacramental, o memorial do mistério da entrega do Senhor se repete no tempo e se torna acessível aos homens e mulheres de hoje. Assim, reconhecemos que há dons de Deus que são sempre atuais e contêm “[...] uma força que transcende todos os tempos e as circunstâncias: a Palavra do Senhor sempre viva e eficaz, a presença de Cristo na Eucaristia que nos alimenta e o Sacramento do Perdão que nos liberta e fortalece” (ChV 229).

Os presbíteros são, também, ministros da reconciliação. Os sacerdotes são “[...] por vontade de Cristo, os únicos ministros do sacramento da reconciliação [...] enviados a chamar os pecadores à conversão e a reconduzi-los ao Pai mediante o julgamento da misericórdia”⁶⁰. Através deles é restabelecida “[...] a amizade com Deus Pai e com todos os seus filhos na sua família que é a Igreja”⁶¹. Se, com a pregação catequética, o pastor exorta os fiéis à consciência da ortodoxia e, com o testemunho, à ortopraxis, no nível sacramental, ele deve estimular a dor pelo pecado e a confiança na graça, superando qualquer redução da reconciliação a uma atividade psicológica ou meramente formalística⁶².

Por isso, “[...] ele é o primeiro a saber que a prática deste sacramento o fortalece na fé e na caridade para com Deus e para com os irmãos”⁶³, porque na confissão frequente ele aprende a compreender os outros, e é estimulado a “[...] colocá-lo no centro das

57 Cf. CDC, cân. 904; CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.132.

58 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.132.

59 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.138.

60 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.142-143.

61 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.143.

62 Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.147.

63 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.147.

preocupações pastorais”⁶⁴, como o fez o Santo Cura D’Ars.

Segundo o Papa Francisco, “[...] a verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua Encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura” (EG, n. 88). E como um modo próprio para experimentar a ternura do amor de Deus, Francisco, ainda, recorda que, “[...] com convicção, ponhamos novamente no centro o sacramento da Reconciliação, porque permite tocar sensivelmente a grandeza da misericórdia” (MV 17). Afinal, no sacramento da Reconciliação, “Deus perdoa os pecados, que são verdadeiramente apagados; mas o cunho negativo que os pecados deixaram nos nossos comportamentos e pensamentos permanece. A misericórdia de Deus, porém, é mais forte também do que isso” (MV 22).

Para o Papa Francisco,

A Igreja tem a missão de anunciara misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa. A Esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos sem excluir ninguém. No nosso tempo, em que a Igreja está comprometida na nova evangelização, o tema da misericórdia exige ser repropósito com novo entusiasmo e uma ação pastoral renovada. É determinante para a Igreja e para a credibilidade do seu anúncio que viva e testemunhe, ela mesma, a misericórdia. A sua linguagem e os seus gestos, para penetrarem no coração das pessoas e desafiar-las a encontrar novamente a estrada para regressar ao Pai, devem irradiar misericórdia (MV 12).

Ao irradiar com sua vida e ministério a misericórdia do Pai, o presbítero cumpre mais fielmente a missão que lhe foi confiada e, mais ainda, revela que “[...] a misericórdia não é contrária à justiça, mas exprime o comportamento de Deus para com o pecador, oferecendo-lhe uma nova possibilidade de se arrepender, converter e acreditar” (MV 21).

E, ademais, paralelamente à Reconciliação, o presbítero deve exercer o ministério da direção espiritual, sendo eles mesmos assíduos a ela e “[...] com a ajuda do acompanhamento ou conselho espiritual [...] é mais fácil discernir a ação do Espírito Santo na vida de cada indivíduo”⁶⁵.

Para o Papa Francisco,

Embora possa soar óbvio, o acompanhamento espiritual deve conduzir cada vez mais para Deus, em quem podemos alcançar a verdadeira liberdade. Alguns crêem-se livres quando caminham à margem de Deus, sem se dar conta que ficam existencialmente órfãos, desamparados, sem um lar para onde possam sempre voltar. Deixam de ser peregrinos para se transformarem em errantes, que giram indefinidamente ao redor de si mesmos, sem chegar a lado nenhum. O acompanhamento seria contraproducente, caso se tornasse uma espécie de terapia que incentive esta reclusão das pessoas na sua imanência e deixe de ser uma peregrinação com Cristo para o Pai (EG 170).

O presbítero deve se exercitar na arte de escutar o outro, de ir ao seu encontro e estabelecer com ele uma relação de proximidade, de amizade, de fraternidade. Assim, ele será capaz de fazer despertar o anseio de corresponder aos apelos que Deus faz na vida de todas as pessoas. Então, de errantes, animados pelo Espírito, nos tornamos todos peregrinos com Cristo rumo ao Pai.

Portanto, segundo o Papa Francisco,

64 BENTO XVI, *Carta de proclamação do Ano Sacerdotal por ocasião do 150º aniversário do “Dies natalis” de João Maria Vianney (16 de junho de 2009)*.

65 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.149.

Quem acompanha sabe reconhecer que a situação de cada pessoa diante de Deus e a sua vida em graça são um mistério que ninguém pode conhecer plenamente a partir do exterior. O Evangelho propõe-nos que se corrija e ajude a crescer uma pessoa a partir do reconhecimento da maldade objetiva das suas ações (cf. Mt 18,15), mas sem proferir juízos sobre a sua responsabilidade e culpabilidade (cf. Mt 7,1; Lc 6,37). Seja como for, um válido acompanhante não transige com os fatalismos nem com a pusilanimidade. Sempre convida a querer curar-se, a pegar no catre (cf. Mt 9,6), a abraçar a cruz, a deixar tudo e partir sem cessar para anunciar o Evangelho. A experiência pessoal de nos deixarmos acompanhar e curar, conseguindo exprimir com plena sinceridade a nossa vida a quem nos acompanha, ensina-nos a ser pacientes e compreensivos com os outros e habilita-nos a encontrar as formas para despertar neles a confiança, a abertura e a vontade de crescer (EG 172).

Sendo assim, os presbíteros devem ser companheiros e zelar pela justiça, devem conhecer o povo de Deus que está sob seus cuidados e caminhar com ele. Ao zelar pela justiça, saberá como orientar de volta ao caminho quando se desviarem, denunciando sem dúvida o erro, mas o fazendo sempre com misericórdia. Afinal, como afirma o Papa, “o acompanhamento espiritual autêntico começa sempre e prossegue no âmbito do serviço à missão evangelizadora” (EG 173).

4 A Obediência e o Espírito Sacerdotal de Pobreza

A obediência é uma virtude indispensável ao presbítero. Sua raiz última e sentido profundo se encontra no mistério de entrega do próprio Cristo na Cruz, que revela o valor salvífico da obediência e da fidelidade à vontade do Pai. São Paulo escrevia aos Filipenses que Cristo “[...] foi obediente até a morte e morte de cruz” (Fl 2,8) e a Carta aos Hebreus atesta que Jesus “[...] aprendeu por experiência a obediência pelas coisas que sofreu” (Hb 5,8). Percebemos “[...] que a obediência ao Pai está no próprio coração do Sacerdócio de Cristo”⁶⁶ e que a obediência está estreitamente unida à caridade. Na caridade pastoral, como afirmava São Paulo VI, se supera a relação de obediência jurídica, a fim de que ela seja voluntária, leal e segura⁶⁷.

Por isso, consideramos que,

Como para Cristo, assim também para o presbítero, a obediência exprime a total e alegre disponibilidade de se cumprir a vontade de Deus. Por isso, o sacerdote reconhece que esta vontade é manifestada também pelas indicações dos legítimos superiores. Esta disponibilidade deve ser entendida como uma verdadeira realização da liberdade pessoal, consequência duma escolha amadurecida constantemente diante de Deus na oração. A virtude da obediência, requerida intrinsecamente pelo sacramento e pela hierarquia da Igreja, é claramente prometida pelo clérigo, primeiro no rito da ordenação diaconal e, depois, no da ordenação presbiteral. Mediante ela, o presbítero fortalece a sua vontade de comunhão, entrando, assim, na dinâmica da obediência de Cristo, feito Servo obediente até a morte de Cruz (cf. Fl 2,7-8)⁶⁸.

O amadurecimento e o discernimento da obediência fazem com que o presbítero se doe a si mesmo, de modo que a sua vontade pessoal se torna aquilo que o Espírito lhe pede na Igreja. Não é possível ser servo sem obediência. Um serviço rebelde, no sentido negativo do termo, rompe com o mistério eclesiológico e a fraternidade cristã, que são fundamentais para sua identidade. O *Decreto Presbyterorum Ordinis*, sobre o mistério da Igreja afirma que

66 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.109.

67 PAULO VI, *Carta Encíclica Sacerdotalis caelibatus*, n.93.

68 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.109.

“[...] o ministério sacerdotal, porém, sendo ministério da própria Igreja, só em comunhão hierárquica com todo o corpo se pode desempenhar” (PO 15). E, ainda, sobre a fraternidade afirma:

[...] a caridade pastoral instiga que os presbíteros, agindo nesta comunhão, entreguem a sua vontade por obediência ao serviço de Deus e dos seus irmãos, recebendo com espírito de fé e executando o que lhes é preceituado ou recomendado pelo Sumo Pontífice, pelo próprio Bispo e outros superiores, entregando-se e “super-entregando-se”, de todo o coração, a qualquer cargo, ainda que humilde e pobre, que lhes seja confiado (PO 15).

Nesse sentido, a obediência do sacerdote é uma obediência libertadora das vontades meramente pessoais e de outras “potestades”. Além disso, a obediência é fundamental para a realização da vocação. Uma vez que é um chamado de Deus, ela expressa a vontade D’Ele para o sujeito. Sem obediência a esse chamado, que é discernido pela Igreja e sacramentado na ordenação, a vocação sacerdotal se torna um projeto humano e não aquele dom “[...] conferido por Deus no coração de alguns homens, [que] exige da Igreja propor-lhes um sério caminho de formação” (RFIS 1). Caminho este, que conduz a “[...] uma especial obrigação de respeito e obediência ao Sumo Pontífice e ao Ordinário próprio”⁶⁹. Isso porque “[...] o presbítero está agregado ao serviço duma Igreja particular, cujo princípio e fundamento de unidade é o Bispo, que tem sobre ela todo o poder ordinário, próprio e imediato, necessário para o exercício do seu múnus pastoral”⁷⁰ e do qual é colaborador nas obrigações pastorais e na ação evangelizadora.

E em segundo lugar, a obediência à hierarquia eclesial liberta da obediência a quaisquer outros poderes. Pelo fato de que “[...] a obrigação de adesão ao Magistério em matéria de fé e de moral está intrinsecamente ligada a todas as funções que o sacerdote deve desenvolver na Igreja”⁷¹, a obediência deve ser compreendida pelo sacerdote, como uma recusa à submissão a qualquer outra força que possa afastá-lo da unidade com Cristo, com a Igreja, com o Bispo, com o povo de Deus ao qual é enviado como pastor e cuidador. Podemos considerar, nesse momento, que há uma ruptura com essa perspectiva quando a espiritualidade do mercado conquista o coração do presbítero e ele não mais é pastor das ovelhas, mas um mercenário que foge ao sinal do perigo ou se beneficia das próprias ovelhas (Cf. Jo 10,12-13).

Podemos considerar que, assim como as partes do corpo estão sujeitas à cabeça, na Igreja, corpo de Cristo cabeça, o ordenamento hierárquico e as normas “[...] servem para proteger adequadamente os dons do Espírito Santo confiados à Igreja”⁷². Por isso, o presbítero “[...] assume generosamente o empenho de observar fielmente todas e cada uma das normas, evitando aquelas formas de adesão parcial, segundo critérios subjetivos, que criam divisão e se repercutem, com notável dano pastoral, também sobre os fiéis leigos e sobre a opinião pública”⁷³. E, além disso, a adesão ao estatuto canônico “[...] é fonte de liberdade, enquanto não impede, mas estimula a espontaneidade amadurecida do presbítero, que saberá assumir uma atitude pastoral serena e equilibrada, em relação ao que está estabelecido, criando a harmonia”⁷⁴ necessária na vida e no ministério do presbítero, do sacerdote, do pastor.

69 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.111.

70 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.111-112.

71 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.112.

72 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.113.

73 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.113.

74 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.114.

Outro elemento que é essencial para o presbítero é o espírito sacerdotal de pobreza. O seu sentido profundo é “[...] a pobreza de Jesus [que] tem uma finalidade salvífica. Cristo, sendo rico, fez-se pobre por nós, para que nos tornássemos ricos pela sua pobreza (2Cor 8,9)”⁷⁵. Sobretudo o exemplo do esvaziamento, que São Paulo chama de *Kenosis*, “[...] deve levar o presbítero a conformar-se com Ele, na liberdade interior, em relação a todos os bens e riquezas do mundo”⁷⁶.

Segundo o Papa Francisco, o sacerdote foi ungido “[...] em Cristo com óleo da alegria, e esta unção convida-nos a acolher e cuidar deste grande dom: a alegria, o júbilo sacerdotal. A alegria do sacerdote é um bem precioso tanto para si mesmo como para o povo fiel de Deus”⁷⁷. A alegria que é impregnada no sacerdote pela unção do Espírito traz consigo o desejo de seguir o Senhor por toda a vida e, ao contemplar a *Kenosis* de Cristo, se reconhece pequeno diante da “[...] grandeza incomensurável do dom que nos é dado para o ministério relega-nos entre os menores dos homens”⁷⁸.

Para Francisco,

O sacerdote é o mais pobre dos homens, se Jesus não o enriquece com a sua pobreza; é o servo mais inútil, se Jesus não o trata como amigo; é o mais louco dos homens, se Jesus não o instrui pacientemente como fez com Pedro; o mais indefeso dos cristãos, se o Bom Pastor não o fortifica no meio do rebanho. Não há ninguém menor que um sacerdote deixado meramente às suas forças; por isso, a nossa oração de defesa contra toda a cilada do Maligno é a oração da nossa Mãe: sou sacerdote, porque Ele olhou com bondade para a minha pequenez (cf. Lc 1,48). E, a partir desta pequenez, recebemos a nossa alegria. Alegria na nossa pequenez⁷⁹.

Alegria na pequenez é a alegria na *Kenosis*, no seguimento sincero e radical a Jesus Cristo animado pelo Espírito. Nesse sentido, o Magistério reconhece que “[...] na verdade, dificilmente o sacerdote se tornará verdadeiramente servo e ministro dos seus fiéis, se estiver excessivamente preocupado com as suas comodidades e com um excessivo bem estar”⁸⁰. Então, ecoa a pergunta: “[...] que aproveita o homem ganhar o mundo inteiro, se depois perde a sua alma? E que coisa poderia o homem dar em troca da sua alma?” (Mc 8,36-37). Desse modo, “[...] cada sacerdote é chamado a viver a virtude da pobreza, que consiste essencialmente em entregar o coração a Cristo, que é o verdadeiro tesouro, e não às riquezas materiais”⁸¹.

Ao viver a virtude da pobreza o presbítero encontrará uma profunda alegria no sacerdócio. Isso porque, segundo o Papa Francisco, trata-se de “[...] uma alegria que nos unge. Quer dizer, penetrou no íntimo do nosso coração, configurou-o e fortificou-o sacramentalmente”⁸². Essa alegria também é “[...] uma alegria incorruptível. A integridade do Dom – ninguém lhe pode tirar nem acrescentar nada – é fonte incessante de alegria [...] a propósito da qual prometeu o Senhor que ninguém no-la poderá tirar”⁸³. E, ainda, “[...] a alegria do sacerdote está intimamente relacionada com o povo fiel e santo de Deus, porque se trata de uma alegria eminentemente missionária”⁸⁴.

O sacerdote é pobre de alegrias meramente humanas porque ele faz muitas renúncias para encontrar e assumir sua identidade presbiteral. Para o Papa Francisco,

75 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.169.

76 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.170.

77 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

78 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

79 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

80 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.170.

81 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.170.

82 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

83 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

84 FRANCISCO, *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

O sacerdote que pretende encontrar a identidade sacerdotal indagando introspectivamente na própria interioridade, talvez não encontre nada mais senão sinais que dizem “saída”: sai de ti mesmo, sai em busca de Deus na adoração, sai e dá ao teu povo aquilo que te foi confiado, e o teu povo terá o cuidado de fazer-te sentir e experimentar quem és, como te chamas, qual é a tua identidade e fazer-te-á rejubilar com aquele cem por um que o Senhor prometeu aos seus servos. Se não saís de ti mesmo, o óleo torna-se rançoso e a unção não pode ser fecunda. Sair de si mesmo requer despojar-se de si, comporta pobreza⁸⁵.

É, portanto, o compromisso missionário assumido no sacramento da Ordem que faz com que aquele óleo perfumado da unção produza frutos no ministério do presbítero. E, além disso, há a fidelidade, chave para a fecundidade, cujos “[...] filhos espirituais que o Senhor dá a cada sacerdote, [...] todos eles são esta ‘Esposa’ que o sacerdote se sente feliz em tratar como sua predileta e única amada e ser-lhe fiel sem cessar. É a Igreja viva”⁸⁶. E, por isso, há “[...] a obediência à Igreja no serviço: disponibilidade e prontidão para servir a todos, sempre e da melhor maneira”⁸⁷. Essa disponibilidade, fruto da obediência, “[...] faz da Igreja a Casa das portas abertas, refúgio para os pecadores, lar para aqueles que vivem na rua, casa de cura para os doentes, acampamento para os jovens, sessão de catequese para as crianças”⁸⁸.

É com esse espírito que o presbítero deverá administrar os bens que lhe são confiados. Nesse sentido, o Magistério deixa claro que,

O sacerdote, cuja parte de herança é o Senhor (cf. Nm 18,20), sabe que a sua missão, como a da Igreja, se realiza no seio do mundo e que os bens criados são necessários para o desenvolvimento pessoal do homem. Porém, ele usará tais bens com espírito de responsabilidade, moderação, reta intenção e distância, próprio de quem tem o seu tesouro nos céus e sabe que tudo deve ser usado para a edificação do reino de Deus (Lc 10,7; Mt 10,9.10; 1Cor 9,14 Gl 6,6)⁸⁹.

E mais,

[...] que o presbítero evite dar motivos, até a mais leve insinuação, relativos ao fato de que possa conceber o próprio ministério como uma oportunidade para obter benefícios, favorecer os seus ou buscar posições privilegiadas. Ele, ao contrário, deve estar em meio aos homens para servir os outros sem medida, seguindo o exemplo de Cristo, o Bom Pastor (cf. Jo 10,10). Recordando, além disso, que o dom que recebeu é gratuito, esteja disposto a dar gratuitamente (Mt 10,8; At 8,18-25) e a empregar para o bem da Igreja e para obras de caridade o que recebe por ocasião do exercício do seu múnus, depois de ter providenciado à sua honesta sustentação e ao cumprimento dos deveres próprios do estado⁹⁰.

Isso nos mostra que o sonho de uma Igreja pobre para os pobres (EG 198) recebe novo impulso com o pontificado de Francisco. O presbítero “[...] é obrigado levar uma vida simples e a abster-se de tudo o que pode ter sabor de vaidade, abraçando assim a pobreza voluntária, para seguir mais de perto a Cristo”⁹¹. E, por isso, “[...] em tudo (habitação, meios de transporte, férias, etc.), o presbítero elimine todo o tipo de requinte e de luxo. [...] deve lutar diariamente para não cair no consumismo e numa vida mole, que hoje invade a sociedade”⁹².

85 FRANCISCO, *Homília do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

86 FRANCISCO, *Homília do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

87 FRANCISCO, *Homília do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

88 FRANCISCO, *Homília do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*.

89 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.170-171.

90 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.171.

91 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.171-172.

92 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.172.

É, portanto, pelo testemunho da pobreza evangélica que a credibilidade da sua pregação e a eficácia do seu apostolado se realizam. O presbítero,

Amigo dos mais pobres, reservará para eles as mais delicadas atenções da sua caridade pastoral, com a opção preferencial por todas as pobreza, velhas e novas, tragicamente presentes no mundo, recordando sempre que a primeira miséria de que deve ser libertado o homem é o pecado, raiz última de todo o mal⁹³.

A opção pelos pobres, exigência do espírito sacerdotal de pobreza, exige que, antes de mais nada, o sacerdote se reconheça amigo dos pobres, e por isso a sua relação com eles deve ser pautada por aquele amor que emana do coração do próprio Deus e se sentir corresponsável pela condição na qual eles se encontram. A exemplo de Cristo que se fez pobre entre os pobres, o sacerdote é chamado para estar junto daqueles obrigados à margem do caminho, e, movido pelo mesmo amor que fez o samaritano socorrer o caído, se fazer próximo e derramar vinho e óleo nas feridas profundas da existência humana, material e espiritual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No exercício do seu ministério, os presbíteros deverão manifestar o desprendimento, o desapego e uma profunda experiência de fé e de encontro com Jesus Cristo. Eles devem ter a consciência de que, pelo fato de serem ministros de Cristo pelo sacramento da Ordem, associam a si o mistério da morte e ressurreição do Senhor. E para sustentar a vontade contínua de doar-se com alegria às responsabilidades do ministério, carecem de uma fé firme, cujas convicções são maduras, livres e generosas.

Isso significa que o presbítero, ao oferecer a sua vida a serviço do Evangelho, deve buscar tornar credível seu anúncio, através das diversas formas de caridade e do testemunho da santidade cristã, manifestadas num estilo de vida sóbrio, simples, obediente e humilde. E, em vista disso, faz a opção por aqueles que têm a sua dignidade ferida: os pobres e marginalizados, os migrantes e os que fazem da rua seu lar, os humildes, os doentes e idosos. Assim, a vivência de um espírito sacerdotal de pobreza faz renunciar à arrogância, à indiferença, ao desprezo e à intolerância, às tentações do carreirismo, do poder, dos likes e da mídia; da vida fútil e vazia.

Essas renúncias poderiam causar desânimo e desvio por caminhos aparentemente mais cômodos. Contudo, assim como os dons de Deus se multiplicam justamente onde há fé, oração e caridade, o espírito sacerdotal de pobreza se torna vínculo de união entre o presbítero e Cristo, ressignificando as dificuldades e o cansaço pastoral. Por isso, não pode haver fidelidade vocacional nem espírito de pobreza fora de um caminho espiritual vigoroso. Desse modo, o estilo de vida de um presbítero exige um constante cuidado da vida divina recebida no Batismo, com todos os meios que favoreçam seu desenvolvimento, tais como: a celebração eucarística cotidiana que é centro da vida espiritual, fonte e sustento do ministério pastoral; a reconciliação frequente, que favorece uma contínua conversão; a direção espiritual, a fim de discernir a vontade de Deus; a recitação da liturgia das horas, o exame de consciência, a *lectio divina*, os retiros espirituais; a devoção mariana; a vida austera, pois o ministério ordenado exige renúncias e sacrifícios que somente uma sã e equilibrada pedagogia ascética pode favorecer; e outros meios que possam fazê-lo crescer espiritualmente, vocacionalmente, ministerialmente.

93 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.172.

Então, reconhecemos que a espiritualidade sacerdotal – alicerçada na vida de oração, no exercício da caridade, da pregação, da celebração dos sacramentos e, ainda, as virtudes da obediência e do espírito de pobreza – é fundamental para que o presbítero seja um verdadeiro pastor da comunidade que lhe é confiada. Ele, à imagem de Cristo, Bom Pastor, oferece a sua vida por toda a Igreja, comunidade que reúne o Povo de Deus. Por isso, “[...] o sacerdote existe e vive para ela; por ela reza, estuda, trabalha e se sacrifica; por ela está disposto a dar a vida, amando-a como Cristo, dirigindo para ela todo o seu amor e a sua estima”⁹⁴.

Assim, sua vida como pastor será dedicada a todos e cada um dos membros da sua comunidade, “[...] esclarecendo as suas consciências com a luz da verdade revelada, defendendo a autenticidade evangélica da vida cristã com autoridade, corrigindo os erros, perdendo, sanando as feridas, consolando as aflições, promovendo a fraternidade”⁹⁵.

Obviamente, isso não será isento de possíveis conflitos eclesiológicos, políticos e de outras ordens. Contudo, para ser bom guia do seu povo, o presbítero precisa estar sempre atento aos sinais dos tempos: a respeito da Igreja universal, da história humana, da realidade concreta da sua comunidade. Para ter melhores condições de discernir esses sinais, ele deve se atualizar constantemente “[...] no estudo das ciências sacras e dos diversos problemas teológicos e pastorais, e o exercício duma sábia reflexão sobre os dados sociais, culturais e científicos que caracterizam nosso tempo”⁹⁶.

Finalmente, ele precisa mostrar profundo amor pela Igreja, que é sua mãe e mestra, e viver com alegria a pertença eclesial, testemunhando com a vida a comunhão com o Papa, os bispos, com o presbitério e com todos os fiéis leigos. O presbítero é um homem chamado por Deus e enviado pela Igreja para ser sinal de comunhão na comunidade de fiéis que lhes são confiados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO XVI. *Carta de proclamação do Ano Sacerdotal por ocasião do 150º aniversário do “Dies natalis” de João Maria Vianney (16 de junho de 2009)*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2009/documents/hf_ben-xvi_let_20090616_anno-sacerdotale.html>. Acesso em 30 de janeiro de 2021.

BENTO XVI. *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2011. 218 p.

BENTO XVI. *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (13 de abril de 2006)*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060413_messa-crismale.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

BENTO XVI. *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (05 de abril de 2007)*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070405_messa-crismale.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

BENTO XVI. *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (20 de março de 2008)*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080320_messa-crismale.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

BENTO XVI. *Homilia do Papa Bento XVI na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (05 de abril de 2012)*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2012/documents/hf_ben-xvi_hom_20120405_messa-crismale.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

94 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.154.

95 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.154.

96 CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, p.155.

- BENTO XVI. *Vigília por ocasião da conclusão do Ano Sacerdotal (10 de junho de 2010)*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20100610_concl-anno-sac.html>. Acesso em 12 de janeiro de 2021.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002. 2206 p.
- Código de Direito Canônico* (1983). São Paulo: Loyola, 2017.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*. Brasília: Edições CNBB, 2013. 232 p.
- CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *O dom da vocação presbiteral – Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis*. Brasília: Edições CNBB, 2017. 143 p.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, Respostas *Celebratio integra* acerca de algumas questões sobre a obrigatoriedade da recitação da Liturgia das Horas (15 de novembro de 2000). Disponível em <<https://www.presbiteros.org.br/respostas-sobre-a-obrigatoriedade-da-recitacao-da-liturgia-das-horas/>>. Acesso em 25 de janeiro de 2021.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja. In.: VATICANO II. *Mensagens, discursos e documentos*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 185-244.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje. In.: VATICANO II. *Mensagens, discursos e documentos*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 470-549.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto Presbyterorum ordinis sobre o ministério e a vida sacerdotal. In.: VATICANO II. *Mensagens, discursos e documentos*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 440-469.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia. In.: VATICANO II. *Mensagens, discursos e documentos*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 141-184.
- PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina social da igreja*. São Paulo: Paulinas, 2011. 528 p.
- FRANCISCO. *Carta Encíclica Fratelli Tutti sobre a fraternidade e amizade social*. São Paulo: Paulus, 2020. 149 p.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit*. Brasília: Edições CNBB, 2018. 126 p.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica Gaudete et Exultate sobre o chamado à santidade no mundo atual*. Brasília: Edições CNBB, 2018. 79 p.
- FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Edições Loyola, 2013. 165 p.
- FRANCISCO. *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (28 de março de 2013)*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130328_messa-crismale.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.
- FRANCISCO. *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (17 de abril de 2014)*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140417_omelia-crisma.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.
- FRANCISCO. *Homilia do Papa Francisco na Missa Crismal de Quinta-feira Santa (02 de abril de 2015)*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150402_omelia-crisma.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.
- FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para do 53º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/papa-francesco_20151129_53-messaggio-giornata-mondiale-vocazioni.html>. Acesso em 15 de janeiro de 2020.
- FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 54º Dia Mundial de Oração pelas Vocações*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/papa-francesco_20161127_54-messaggio-giornata-mondiale-vocazioni.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

FRANCISCO. *Mensagem do Papa Francisco para o 57ª Dia Mundial de Oração pelas Vocações*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/vocations/documents/papa-francesco_20200308_57-messaggio-giornata-mondiale-vocazioni.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2021.

FRANCISCO. *Misericordiae Vultus – Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia*. Brasília: Edições CNBB, 2015. 35 p.

JOÃO PAULO II. *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis sobre a formação dos sacerdotes*. São Paulo: Paulinas, 1992. 220 p.

JOÃO PAULO II. *Mensagem do Papa João Paulo II para o 27ª Dia Mundial de Oração pelas Vocações*. Disponível em <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/es/messages/vocations/documents/hf_jp-ii_mes_04101989_world-day-for-vocations.html>. Acesso em 18 de janeiro de 2020.

JOÃO PAULO II. *Mensagem do Papa João Paulo II para o 37ª Dia Mundial de Oração pelas Vocações*. Disponível em <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/vocations/documents/hf_jpii_mes_30091999_xxxvii-voc-2000.html>. Acesso em 22 de janeiro de 2021.

PAULO VI. *Carta Encíclica Sacerdotalis caelibatus sobre o celibato sacerdotal*. Disponível em <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_24061967_sacerdotalis.html>. Acesso em 15 de maio de 2021.